

zot isso nos aborrece. A nossa sorte é que outros franceses vieram cá antes e depois do sr. Clouzot. Vieram o galante Villegagnon, o delicioso Debret e o "nosso" talentoso Taunay, como eles, muitos outros nos compreenderam. Jamais os esqueceremos. Procuremos esquecer o senhor Clouzot."

Se recordamos bem, o primeiro filme supervisionado por Cavalcanti, "Caçara" mostrava "muito Brasil" com aspectos folclóricos: macumbas, congadas, rezas exóticas e magia negra. A mesma cousa chamou em seguida a atenção de Clouzot, mas em tom mais "realista" e "pessoal". Evidentemente, o diretor Cavalcanti, depois da resposta a Clouzot, não produzirá mais filmes como "Caçara". Qual é seu programa, então? Pensamos não seja somente a falta de técnicos, de diretores a trazer falhas à recente produção brasileira. Se olharmos para o cinema italiano do após guerra, concluímos que o chamado neo-realismo não nasceu ao acaso, mas foi antes construído por longos anos de polémica, de estudo, de trabalho.

O renascimento do cinema italiano atual é devido a fatores de valor e natureza diversos, sociais e artísticos, sobre um terreno preparado antes e durante a guerra por todo um movimento crítico, cultural e por filmes como "Osessione". Numa entrevista concedida em 1950 à revista "Cinema" na Itália, Cavalcanti declarou a propósito deste cinema: "Agrada-me o que tem de improvisado, de aventureiro, de indisciplinado, porque esta é exatamente uma força vital". Muito bem, no entanto esta força vital não foi improvisação, mas sim fruto de intenso trabalho. As estradas do cinema não são infinitas como as do Senhor: urgem idéias claras, um programa preciso e muitos sacrifícios. Não é com filmes como "Presença de Anita" e "Suzana e o Presidente" (feitos nos moldes de velhos filmes que conseguiam sucesso comercial, aí por 1930) ou "Angela" que se chega à "descoberta" dum país, mas através, como diz Luchino Visconti, de "homens vivos dentro das cousas e não as cousas por si mesmas". O Brasil é São Paulo com edifícios que tocam o céu e é o pequeno país sepultado por distâncias enormes.

Não tem importância, outrossim, que o diretor seja brasileiro. O "Homem do Sul" do grande diretor francês Renoir é um dos poucos filmes verdadeiramente americanos. Isto naturalmente, porque Renoir compreendeu a América.

A Cavalcanti não faltaram os meios técnicos. Revendo "Luzes da cidade" é fácil pensar que a técnica conta relativamente. Necessários à vida do cinema são os artezãos. Sobretudo quando falta uma verdadeira indústria como é a da América do Norte. A vitalidade, a força do cinema europeu firma-se nestes homens. Criam películas decorosas, polémicas sempre interessantes, assegurando aquele filme médio tão necessário para a emancipação do gosto do espectador; enriquecem a história dos costumes; fazem viver o cinema. Estes diretores baseam-se no fato, não perdem o fio da história; as imagens têm talvez uma linguagem anônima, exclusivamente mecânica; não lentidão mas ritmo constante; os atores desempenham bem, usam o material plástico esplendidamente. "Juventude perdida", de Germi e "Scarface" de Hawks, são dois ótimos exemplos de artesanato.

Encontra-se nestes diretores, uma coragem insólita e uma atenção inusitada pelos problemas de hoje. São observadores escrupulosos, repórteres cinematográficos que fazem crônica, não poesia, fugindo aos vícios literários. Documentam o tempo que passa: a guerra, os gangsters, a maffia, os manicômios; aspectos crus, desoladores, da humanidade. O cinema brasileiro necessita artezãos. Mas não daqueles rapazes que acreditam ser suficiente girar muita película pelas ruas para fazer um filme realista.

FRANCESCO BIAGI



Sergio Cardoso, definido no início um novo Talma, muito inteligentemente não acreditou neste apelido e começou a trabalhar com uma seriedade que mesmo poucos entre os jovens têm em nosso teatro

## Musica

## Angelicum

No campo da música acontecem hoje em dia fenômenos interessantes e sobretudo vivos, como o do "Angelicum" de Milão que veio ao Brasil por toda uma temporada. Partiu a orquestra, partiram os onze cantores, escolhendo a via aérea para viajar. No quadrimotor tomaram ainda lugar o Padre Enrico Zucca, guardião do convento dos frades franciscanos em Milão e o Padre Alberto Parini. Falava-se há tempo desta viagem; mas podia ser apenas um dos tantos projetos do Padre Zucca. Ele já havia estado no Brasil e tinha-nos falado do seu amor pela música clássica italiana, que julga por várias razões mais espiritual que a moderna: se não por outro motivo, a idade tornou-a espiritual. Além de "Bastien e Bastienne" de Mozart, assistimos também às representações do "Fratello innamorato" de Pergolesi, do "Matrimonio segreto" de Cimarosa e de uma encenação de "Serenata a tre" de Vivaldi, e ouvimos músicas de Corelli, Vivaldi, Tartini, Scarlatti, etc., e de muitos autores contemporâneos. Financiou o governo uma excursão musical tão importante não só do ponto de vista artístico? Apóia com todo vigor esta iniciativa? Não sabemos. Estamos tentados a não acreditar. Imaginamos que as cousas tenham andado do seguinte modo: o Padre Zucca esteve no Brasil e teve, fóra de dúvida, muitos colóquios com os funcionários do Rio, São Paulo, etc. Não se falou exclusivamente de cousas franciscanas e de religião; também se falou de arte e música. Os franciscanos ficaram ouvindo e entendendo. Era preciso dinheiro; eles o obtiveram ou vão obter. Do resto, a empresa, se não é tal de conseguir sucesso financeiro, com cer-

teza vai concluir com um equilíbrio razoável ou com um prejuízo não muito grave. Rossini, Cimarosa, Vivaldi, Mozart nunca levaram ninguém à ruína.

O fato é, com o quadrimotor partiram uma cinquentena de pessoas, que no programa do "Angelicum" não consta música de bilheteria e que aquelas 50 pessoas devem viver por dois meses com os proveitos da música espiritual. O Padre Zucca nunca será ministro da Instrução Pública nem Diretor Geral do Teatro. E' um frade; e para os frades, nos países católicos, está reservada apenas uma afetuosa complacência nas repartições públicas; sem contar as proibições da ordem. Mas o Padre Zucca tem o intuito que os funcionários, superintendentes, empresários — jamais compreenderão: a Itália tem um imenso patrimônio de arte, quase desconhecido de todos ou semi-desconhecido, que pode ser divulgado no estrangeiro sem necessidade de se recorrer às subvenções.

Que homem de negócios teria financiado a exposição do Caravaggio com esperança de lucro? E no entanto, há meses já, que a multidão faz filas mais longas diante da mostra do Caravaggio que das bilheterias de cinema. A verdade é que para certos negócios, para ver um pouco adiante do próprio nariz, para ter em mira os interesses coletivos e nacionais sem excluir os do indivíduo, é bom ignorar tudo sobre a Bolsa, mercado, ações, obrigações, e não é mesmo mal não possuir aquela experiência da vida que não raro conduz ao hábito, debilita a imaginação, torna míope, dispõe ao ceticismo. A fé é também largueza de visão da qual vem a coragem.

L'E.